



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v11i01140161>

## DISCUTINDO METODOLOGIAS DE ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO SUPERIOR

Data de recebimento: 03/11/2017

Aceite: 02/02/2018

Wáquila Pereira NEIGRAMES (UFG)<sup>1</sup>  
Alexandre António TIMBANE (UNILAB)<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta desse artigo é de refletir sobre os métodos de ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras como segunda língua - L2 no nível superior de ensino nos mais variados cursos como prevê o Decreto nº 5.626/2005. O objetivo, portanto, não é de se prender a um único método como o correto, mas poder refletir sobre diferentes métodos para então fazer uma escolha adequada e satisfatória, ou seja conhecer possíveis métodos existentes como formas e táticas alternativas para o ensino dessa língua de modalidade visoespacial. A Lei 10.436/2002 regulamenta a Libras como língua da comunidade surda brasileira o decreto 5626/2005 garante a implantação da Libras nos currículos dos cursos de Instituições de Ensino Superior. Preliminarmente conclui-se que a Libras está em ascensão, ainda é desconhecida por grande parte da nossa sociedade professores devem buscar novas metodologias para mediar o ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Língua. Libras. Metodologia. Docente.

**Abstract:** The proposal of this article is to reflect on the teaching methods of the Brazilian Language of Signals – Libras as second language – L2 in the upper level of education in the most varied courses as foreseen in Decree nº 5.626 / 2005. The objective, therefore, is not to stick to a single method as the correct one, but to be able to reflect on different methods to make an adequate and satisfactory choice, that is, to know possible existing methods as alternative forms and tactics for the teaching of that language, visuospatial mode. Law 10.436 / 2002 regulates. Libras as the language of the Brazilian deaf community. Decree 5626/2005 guarantees the implementation of Libras in the curricula of Higher Education Institutions courses. It is preliminarily concluded that Libras is on the rise, it is still unknown by much of our society teachers should seek new methodologies to mediate teaching-learning.

**Keywords:** Language, Libras, Methodology, Teacher.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Estudos da Linguagem na UFG - Regional Catalão. Especialização em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Sul-Americana (2016). Graduada em Letras/Libras pela Universidade Federal de Goiás (2012). É professora do Ensino Técnico e Superior no Instituto Federal no campus Itumbiara. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, cultura surda, interpretação e tradução e ensino de Libras.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidade e Letras e Docente colaborador na Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem.



---

**Introdução**

Todo indivíduo nasce com capacidade nata de apreender, a não ser que tenha algum distúrbio que o impeça. A aprendizagem, segundo Timbane (2015) se define como o conjunto de atividades conscientemente organizadas e preparadas por um *expert*, colocadas à disposição do sujeito e que são suscetíveis de despertar processos internos com vista ao alcance dos objetivos. Sendo assim, a aprendizagem se difere da aquisição pelo fato desta última não possuir uma sistematização, uma organização, objetivos e conteúdos previamente organizados pedagogicamente.

A condução do processo de ensino-aprendizagem de forma consciente depende da forma como o professor lida com as metodologias aprendidas durante a formação. A formação docente é complexa e exige em muitos casos a criatividade do docente e a sua reinvenção. As teorias aprendidas na formação docente constituem apenas uma sugestão, pois cada situação de aprendizagem é específica dependendo bastante da criatividade do docente, o que pedagogicamente designamos por **reinvenção**. É uma reinvenção porque nenhum plano de aula se torna 100% real e nenhuma metodologia previamente preparada se torna efetiva e eficaz para todos os alunos durante a realização concreta do processo de ensino-aprendizagem.

O fracasso se deve ao fato de que cada aluno tem o seu estilo de aprendizagem, cada aluno tem a sua cultura, seu comportamento, suas facilidades e dificuldades na aprendizagem. Segundo Celani (2005, p.114) a “experiência mostra cada vez mais que os alunos provêm de culturas diversas, na vida cotidiana e em seus hábitos de aprendizagem e trazem expectativas diversas. Essas diferenças culturais devem ser respeitadas e levadas em conta no trato e nas exigências.”

Existem diferentes realidades que sempre criam uma pressão sobre o professor: a) a pressão dos programas elaborados pelo Ministério da Educação ou da Instituição de tutela, b) a pressão da realidade prática da turma (situação real da turma)<sup>3</sup> e c) pressão da sociedade que sempre deposita confiança na escola, mas muitas vezes sem intervir. Essa pressão precisa de uma decisão individual do docente diante de situações concretas e específicas. Por exemplo, se os alunos não entendem um determinado conteúdo é necessário parar, pensar e rever as metodologias aplicadas no processo de ensino permitindo com que todos os alunos possam aprender e que estejam no mesmo nível pedagógico.

---

<sup>3</sup> Turmas heterogêneas compostas por alunos conectadas às tecnologias, cada um com seu estilo de aprendizagem (TIMBANE, 2015).



Essa atitude e decisão individual do docente entra em choque com as decisões dos programas e objetivos governamentais que obrigam o ensino de um conjunto de temas/conteúdos dentro de um espaço de tempo. É importante observar que cada aluno tem o seu estilo de aprendizagem e esse estilo deve ser respeitado, pois a capacidade de aprendizagem não é a mesma nos alunos. Por essa razão “o docente deve pensar e agir na base da teoria de que o espírito é um conjunto de capacidades (capacidade de observação, atenção, memória, raciocínio etc.) e que cada melhoramento destas capacidades significa o melhoramento de todas as capacidades em geral” (VIGOTSKII, 2012, p.107).

A Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras é uma língua natural, complexa (como qualquer outra língua), espontânea que surgiu da necessidade comunicativa entre a comunidade linguística. Ela é de uma modalidade visuo-espacial diferente das línguas orais, que são orais-auditivas. A Libras não se limita pela execução de gestos soltos, mímicas, ou a simples transformação de palavras em gestos. Ela é uma língua à parte, que se diferencia da língua oral por utilizar um meio espacial. É uma língua que carrega consigo uma cultura que dá significados e sentidos ao discurso. A política linguística<sup>4</sup> brasileira ainda tem agido pouco em prol da expansão e divulgação da Libras. É importante deixar claro que esta língua possui uma autonomia linguística e pode ser descrita de forma exaustiva. Segundo Quadros e Cruz (2011, p.17) “os aspectos linguísticos das línguas de sinais apresentam análises em todos os níveis da linguística, ou seja, nos níveis fonológicos (quirológico), morfológico, sintático, semântico e pragmático.”

O presente artigo tem a proposta de apresentar alternativas metodológicas que possam ser utilizadas no ensino de Libras como segunda língua - L2 em cursos de Ensino Superior. Entendamos por segunda língua, aquela que é apreendida/adquirida após aprendizagem/aquisição da materna. As discussões aqui apresentadas partirão de pesquisas bibliográficas e experiências vividas pelos autores mediante o contato com a comunidade surda de goiana.

A Libras foi reconhecida legalmente no Brasil a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2012 e pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Essas leis/decretos fazem parte do que se definiu anteriormente como Política Linguística. Desta forma, a Lei 10.436 reconhece “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais e

---

<sup>4</sup> Entendamos por política linguística “...uma prática de caráter estatal-legislativo, debruçando-se, por exemplo, sobre a oficialização de línguas, a escolha de alfabeto para a representação gráfica de uma língua, a hierarquização formal das línguas (línguas de trabalho, oficiais, nacionais, por exemplo), entre outros.” (SEVERO, 2013, p.451).



outros recursos de expressão à ela associados”. Por sua vez, o Decreto nº 5626/2005 esclarece que “a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior”.

Ora, essa Política Linguística está “no papel ainda”, pois a sua implementação prática e real ainda é fraca em todo Brasil. Para além disso surdo sofre todo tipo de exclusão e preconceito atitudes que não engradem em nada o ser humano. Esta pesquisa levanta essa “bandeira” que dá foco na necessidade de integrar o surdo na vida ativa da nossa sociedade através de políticas públicas que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Sabendo da importância do ensino da Libras, pode-se discutir diferentes metodologias no ensino como L2 para ouvintes das Universidades que ofertam a disciplina, como forma de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. Segundo Neves (2011) é demasiadamente árduo aprender uma segunda língua, pois o aprendente saberá que está exposto à outra cultura, à outra norma-padrão ou variedade de uma outra língua, que não é a sua materna. A autora ainda ressalta que a Libras aprendizagem possui regras e gramática próprias, automaticamente o estudante entrará em contato com a identidade cultural dessa segunda língua. Segundo Spinassé

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (SPINASSÉ, 2006, p.5).

Entende-se por L1 ou língua materna a primeira língua a qual a pessoa é exposta, definindo assim sua identidade linguística e identificando o grupo cultural ao qual fará parte. Desta forma, a língua segunda é aquela que é aprendida em segundo lugar, quer dizer, logo após a primeira. Isso pode “A aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia.” (SPINASSÉ, 2006, p.4).



Após estas primeiras palavras que guiam a motivação para a presente pesquisa levanta-se a questão inicial da pesquisa que questiona como a formação de professores para o ensino Libras como segunda língua se processa em cursos da universidade? Dessa forma se avançam algumas hipóteses que norteiam a pesquisa. A primeira é a de que a metodologia de ensino de ouvintes pode servir para o ensino de Libras como segunda língua. A segunda é a de que o conhecimento da cultura do surdo ajuda bastante no ensino, pois facilita na interpretação dos fenômenos linguísticos ligados à cultura se entendermos a língua como parte integrante da cultura. A terceira e última hipótese é a de que o aluno surdo enfrenta dificuldades em compreender professores ouvintes justamente pelo fato dos ouvintes não compartilharem mesmos referentes culturais o que dificulta de certa forma o entendimento global.

Para a pesquisa, formulou-se um objetivo geral e três objetivos específicos. A pesquisa pretende compreender a metodologia do ensino da Libras como segunda língua na universidade. Especificamente a pesquisa visa a) discutir teorias que abordam o perfil do docente da libras e os principais desafios na atividade; b) debater alguns conceitos básicos sobre o ensino; c) Refletir sobre as metodologias de ensino de Libras como disciplina na universidade. O estudo do ensino de línguas é importante para a sociedade, porque a língua é o principal instrumento de comunicação entre os seres humanos, deve ser valorizada e aprendida para que possa permitir a expressão de ações e atitudes (TIMBANE, 2016). Em outras palavras, a linguística aplicada se interessa pelo estudo de metodologias que apoiam e auxiliam o ensino de línguas como língua materna, língua segundo ou língua estrangeira.

Na primeira seção discute-se o perfil docente de Libras no ensino superior e os seus desafios no processo de ensino-aprendizagem. Em nível de graduação, a universidade tem por função formar professores que exercem funções no ensino fundamental e médio. Nesse espaço a Libras é uma das disciplinas curriculares o que muitas vezes ainda limitada em avanços mais importantes. A língua portuguesa não é disciplina, mas sim parte integrante para todas as disciplinas curriculares. Na seção seguinte fez-se uma breve reflexão sobre Libras para depois refletirmos a cerca de metodologias de ensino de libras como língua segunda. O trabalho termina apresentando análises e propostas para uma educação linguística inovadora que atenda a cultura e a língua do aprendente.

## 1. O docente de Libras: Perfil e Desafio



Antes de desenvolvermos esta parte é importante aprofundar os conceitos de aquisição e aprendizagem. A aquisição é um conjunto de habilidades linguísticas adquiridas de forma espontânea, sem especialista e nem metodologicamente planejado. A aquisição é inconsciente e ocorre em contextos informais e em situações de uso da língua para fins de comunicação real, em interação com o outro.

A aprendizagem é organizada, planejada, é realizada por um especialista que possui planejamento, organização e avaliação dos temas aprendidos. A aprendizagem é influenciada pelos seguintes fatores: idade, motivação, inteligência, aptidão, personalidade, os estilos de aprendizagem e as atitudes socioculturais. Desta forma, “a criança não só aprende a língua, com todas as sutilezas de sua articulação gramatical, semântica e pragmática, como o faz de forma completa (isto é, não existe conhecimento de língua materna pela metade ou parcial): qualquer pessoa normal sabe a língua de sua comunidade e a utiliza de forma natural (SALLES et al, 2004, p.69).

O professor responsável para o ensino da língua de sinais precisa buscar metodologias que atendam às possíveis situações: a) o aluno chegará pensando que será exposto a uma quantidade de sinais, b) alunos que pensam que aprender uma língua de sinais é fácil por ser amontoado de gestos, c) alunos que terão muita dificuldade em sinalizar. Esses são alguns fatores que precisam ser desmistificados e quebrados para que o aprendizado dessa L2 seja aproveitado e eficaz. Segundo Timbane (2016) o docente deve deixar de ser um transmissor de conteúdos acrílicos e definidos por especialistas externos para assumir uma atitude problematizadora e mediadora do processo ensino-aprendizagem sem, no entanto, perder sua autoridade nem, tampouco, a responsabilidade com a competência técnica dentro de sua área do conhecimento.

O professor precisa respeitar as complexidades e necessidades de seus aprendizes, sendo flexível em mudar seus métodos de ensino sempre que se fizer necessário. Deve-se também estar em constante aperfeiçoamento de suas habilidades para trocar conhecimento com o aluno. A comunidade surda, passou por inúmeros processos de apagamento e marginalização até ser reconhecidos como cidadãos e terem a oportunidade de formação. Poder-se-ia citar o congresso de Milão em 1880, onde o método de ensino para surdos se condicionou pela prática da oralização de surdos abolindo assim, tanto o uso quanto o ensino de línguas de sinais.



Em conformidade com Ramos (2009), mesmo sendo proibido o uso da língua de sinais na educação de surdos no Congresso de Milão, muitos professores, alunos e até funcionários frequentavam a escola para formar um grupo de resistência da língua de sinais. Pois ficou decidido que as escolas deveriam utilizar o método oral puro para ensinar as crianças surdas. Falaremos mais tarde sobre esse método.

Após o congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas para surdos, proibindo oficialmente a língua de sinais, decaiu muito o número de surdos envolvidos na educação de surdos. Em 1960, nos Estados Unidos, eram somente 12% os professores surdos como o resto do mundo. Em consequência disto, a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíram das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas. Ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito lingüístico cultural, as associações dos surdos se uniram mais, os povos surdos que lutam para evitar a extinção das suas línguas de sinais. (STROBELL, 2009 p.37).

Depois do método do oralismo não ser mais o único a ser aceito na educação, e passar pela comunicação total, onde utilizava gesto como apoio da língua falada, até reconhecerem o bilinguismo, na visão de que o Surdo deveria ser ensinado na sua língua materna com auxílio de intérpretes, surgem então a necessidade dos professores de Libras, que ainda em ascendência, pois a disciplina de Libras está inserida em quase todas as Universidades de Ensino Superior. Para o ensino dessa disciplina, o docente deve ter um ótimo conhecimento sobre a cultura surda e interação com algum grupo dessa comunidade. Desta forma, “uma concepção de ensino de língua precisa de referências claras em termos do enfoque metodológico a ser seguido” (SOUZA BASSO; STROBEL; MASUTTI, 2009, p.12).

Hoje, contamos com o curso de Letras/Libras, para formar os professores aptos a ensinar essa língua, mesmo sendo um curso voltado para a preparação e formação do professor de Libras, não possui uma receita de um método específico para ensiná-la como L2. Vale ressaltar que nos primórdios dos cursos de Libras não dispunha-se de nenhum tipo de material didático para apoio ou estudo, eram sempre improvisos.

Contamos hoje com algumas obras publicadas que auxiliam o professor de Libras, como por exemplo, “Libras em Contexto” de Felipe (2001); “Libras? Que língua é essa” de Gesser (2009); “Língua de Sinais Brasileira, estudos lingüísticos” de Quadros e Karnopp (2004) e outros, mas ainda não temos uma grande biblioteca que atenda a necessidade de todo o público interessado por essa língua. O principal desafio que se enfrenta na formação em línguas é a) a formação didático-político-pedagógico; b) uma área de conhecimentos específicos; c) e diálogo constante de ambas com a sociedade em geral e com o mundo do



trabalho (TIMBANE, 2016). As políticas linguísticas devem favorecer com uma política inclusiva que valoriza todas as línguas faladas num determinado território. Dizer, que o português é língua oficial estamos dizendo que as outras línguas não o são e ao mesmo nível não estão com a mesma vantagem.

## 2. Libras como Disciplina

Dentro do contexto linguístico da comunidade surda, a língua de sinais desperta de forma natural, compartilhando de características específicas que se diferem dos sistemas não verbais de comunicação. Rosa (2005), traz uma reflexão sobre a naturalidade das línguas de sinais quando afirma que a Libras:

Como toda língua de sinais, foi criada em comunidades surdas que se contataram entre si e a passavam ao longo de gerações. É uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, afim de transmitir uma mensagem, diferenciando-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos (ROSA, 2005, p.19).

A Libras possui na sua estrutura, uma gramática própria, um sistema linguístico próprio diferente das línguas orais, dado que a “língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade” (FIORIN, 2015, p. 14). As línguas faladas e sinalizadas possuem padrões diferentes, assumindo entradas separadas, Quadros (2009), afirma que o canal de entrada é oral-auditivo e viso-espacial.

As línguas de sinais, conforme um considerável número de pesquisas, contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que tem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos (QUADROS E KARNOPP, 2004, p.48)

Por ser de modalidade gestual (visual), a Libras é produzida pelas mãos, de acordo com Quadros e Karnnopp (2004) a diferença entre as duas modalidades de língua, oral e de sinais, nos remete que as línguas de sinais possuem os mesmos princípios subjacentes de



construção estrutural que as línguas orais, possuindo léxico, gramática e um sistema de regras, para utilização dos “gestos” sinalizados. Vamos, portanto, tratar nesse artigo uma breve reflexão sobre o docente de Libras, os desafios encontrados nessa jornada, em seguida trazer de forma sucinta a Libras enquanto disciplina, pois ainda é uma novidade para muitos nessa língua enquanto disciplina acadêmica.

Como forma de esclarecer ainda, algumas dúvidas acerca de como se organiza linguisticamente e de ser reconhecida como uma língua, apresentaremos uma reflexão acerca de algumas metodologias de ensino da Libras como L2 nos cursos que possuem essa disciplina no Ensino Superior.

A língua de sinais precisa ser divulgada e um dos meios dessa difusão é a oferta da disciplina nas universidades, assim como a formação de docentes e especialistas desta língua. A eficácia do ensino de uma língua está na metodologia utilizada para sua aprendizagem e a sincronia com a cultura e a identidade da mesma. É preciso compreender que não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade visuo-espacial. Isso por si só diferencia a Libras das línguas orais. E a

articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; na modalidade oral-auditiva, a articulação das unidades da substância sonora (significante) produz seqüências que em nada evocam os traços semânticos do referente (significado), o que explica o caráter imotivado ou arbitrário do signo linguístico nas línguas orais (SALLES et al., 2004, p.83-84).

A Libras é uma língua que existe há tempo, assim como as línguas orais, só não temos muitos registros por não possuir escrita de sinais em épocas passadas. Ramos (2003) abre uma discussão sobre o assunto, “pelo fato de as Línguas de Sinais serem faladas, sem registro escrito, existe muita dificuldade de se localizarem as origens das mesmas. Por se tratarem também de comunidades pequenas e não reunidas geograficamente, o que se conhece até hoje sobre os surdos e suas línguas de sinais ainda é pouco” (RAMOS, 2003). Os estudos não param, mas possuem poucos materiais acerca desse assunto.

Em relação ao surgimento da língua falada há inúmeros estudos linguísticos. Ramos (2009) articula um desenvolvimento gradual, progressivo da linguagem, se tornando o sistema complexo de significação que se estrutura hoje. Em contrapartida existe estudo, que problematiza a ideia de surgimento de língua só a partir do momento que possui cultura ligada a língua. Desta forma,

A tarefa de adquirir uma língua impõe o domínio dos elementos do léxico, os quais trazem consigo informações sintáticas, semânticas e fonológicas,



bem como das possíveis combinações entre eles, o que resulta no conhecimento da boa ou má-formação (sintática, fonológica e semântica) de seqüências. Esses dois tipos de conhecimentos representam o conhecimento mental do sistema de regras (ou gramática) da língua. (SALLES et alli. 2004, p.123).

Há que se ter em conta a questão da **pedagogia visual** ou **pedagogia da diferença**. Como se sabe, essa pedagogia propõe outro olhar sobre a pessoa surda, principalmente um olhar profundo sobre as diferenças culturais que constituem a comunidade surda. A interpretação do mundo e dos espaços são diferentes quando se compara com ouvintes. Souza Basso; Strobel; Masutti (2010, p.17) mostra que “representa a possibilidade real de encarar a prática pedagógica e o processo ensino-aprendizagem a partir da perspectiva surda ou da concepção surda sobre a educação.” Souza Basso; Strobel; Masutti (2010, p.20) adverte que a “competência comunicativa em Libras como a capacidade de empregar de forma adequada a língua de sinais brasileira nas diversas situações comunicativas em que a pessoa estiver envolvida, seja utilizando a língua sinalizada ou a escrita e leitura de sinais”

Terminamos esta parte focando que a Libras como disciplina é importante nos currículos dos cursos de graduação, mas não basta apenas ser disciplina (optativa em muitos casos). Deve fazer parte da vida acadêmica contendo um maior contato com a língua. Que seja possível ensinar historia, geografia, química e enfermagem em Libras. Sonhamos mais longe ainda ao pensar que a Libras seja a língua oficial politicamente instituída no país assim como a língua oral.

### 3. Breve reflexão sobre a Libras: Metodologia e análises

Tal como se referiu na introdução deste trabalho, no ensino há dois intervenientes principais: por um lado o aprendente (aquele que aprende) e por outro lado o que ensina (ou que orienta). Para Timbane, um aprendente deve ser o centro de todas as atividades e o orientador deverá ter com um papel secundário e ele simplesmente passará a ser como um treinador de futebol, pois não entra em campo para jogar (TIMBANE, 2015).

Assim como as línguas orais, a língua de sinais também é uma língua natural, surge a partir da necessidade de comunicação de seus falantes. Surge em comunidade linguística e possui estrutura gramatical.

De acordo com Rosa (2005 p.18) “as línguas de sinais existem de forma natural em comunidades lingüísticas de pessoas surdas e, conseqüentemente, partilham uma série de



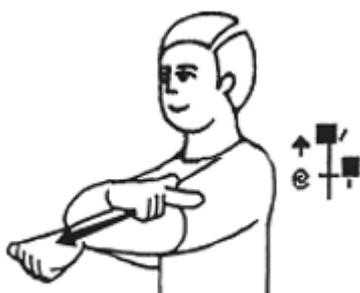
características que lhes atribuem caráter específico e as distinguem dos demais sistemas de comunicação não-verbal.” A Libras, durante um bom período foi considerada gestos soltos, sem estrutura, sem sentido, mas hoje se sabe que é uma língua e possui uma modalidade expressiva bem diferente das línguas orais. Sobre esse assunto, Quadros e Karnopp (2004) discute que as línguas orais são de modalidade oral-auditiva e as línguas de sinais são de modalidade viso-espacial. Rosa (2005) salienta que

A Língua Brasileira de Sinais – Libras — como toda língua de sinais, foi criada em comunidades surdas que se contataram entre si e a passavam ao longo de gerações. É uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, afim de transmitir uma mensagem, diferenciando-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Devido a essa diferença de canal de comunicação, normalmente os sinais utilizados nas línguas de sinais são entendidos como simples gestos (ROSA, 2005 p.19).

Por se tratar de línguas, pode-se então afirmar que as línguas de sinais não são menos importantes que as línguas orais, ambas possuem estrutura e gramática próprias, assim, pode-se dizer que usuários podem discutir sobre qualquer assunto seja concreto ou abstrato, racional, metafórico, descritivo e emotivo sem limitações. Pode-se discutir sobre a religião, a filosofia, o esporte, assim como assumir outras funções como as de ser usada como meio de comunicação no teatro, no humor e na poesia. A Libras possui uma estrutura léxico-semântica com elementos morfológicos e sintáticos que constituem as construções linguísticas da mesma, tal como Brito (1995)

É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua. (BRITO, 1995, p.5).

Para a constituição mínima dos sinais na Libras conta-se com cinco parâmetros: a) Configuração de Mãos, b) Ponto de Articulação, c) Movimento, d) Orientação e e) as Expressões Faciais. A configuração de mão, consiste em como as mãos estarão posicionadas para a realização do sinal. Observemos as imagens Capovilla e Raphael (2001) <sup>5</sup>



Significado do sinal: educação, educado (a).



Significado do sinal: hábito, costume.

Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p.1034)

Podemos perceber que os sinais mudaram o significado somente pela troca de uma configuração de mão, onde educação tem a configuração em formato da letra **L** e o sinal hábito tem o formato da letra **B**. Ao verificar essas mudanças podemos assemelhar à troca de uma letra nas línguas orais por exemplo: ‘pata’ e ‘rata’, com a troca de uma única letra do: **P** para o **R** mudou o significado das palavras.

O ponto de articulação consiste em onde o sinal será realizado, ou se iniciará a sinalização, caso ele necessite ter uma mudança de locação para ter significado. Observemos:



Significado do sinal: aprender, aprendizagem.



Significado do sinal: sábado

Capovilla e Raphael (2001)

Na imagem podemos perceber que o significado dos sinais mudaram a partir da troca de local para realização do sinal. O sinal de ‘aprender’ é realizado no ponto de articulação em frente à testa e o sinal de ‘sábado’ é realizado no ponto de articulação a frente a boca.

Vale ressaltar que alguns sinais são realizados no que chamamos de “espaço neutro”, é o espaço a frente do nosso corpo do sinalizador, ou seja, pessoa que está sinalizando. Olhe o exemplo:



Significado do sinal: casa, morar.

Quadros e Karnopp, (2004) exemplifica e mostra os diferentes pontos de articulação encontrados nas sinalizações:



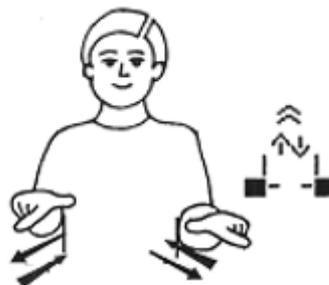
Espaço de realização dos sinais e as quatro áreas principais de articulação dos sinais (baseado em Battison, 1978, p. 49)

Fonte: Quadros e Karnopp (2004 p.57)

Sobre o parâmetro de movimento, ele é realizado pelas mãos do enunciador no espaço. É um parâmetro complexo que pode envolver formas e direções diferentes (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.54). Observemos o exemplo:



Significado do sinal: vídeo, fita de vídeo.



Significado do sinal: trabalhar, trabalho.

Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

O movimento é o parâmetro mais complexo, de acordo com Ferreira Brito (1995) na realização dos sinais encontra-se diferentes tipos de movimento: movimento interno da mão,



movimento do pulso e movimento direcional no espaço. No caso da figura exemplificando o movimento temos a mesma configuração e contamos com o espaço neutro, somente o movimento que vai definir o significado do sinal.

A orientação, é a direção para qual a palma da mão se encontra na realização do sinal. Seguindo Quadros e Karnopp (2004) existem seis tipos de orientação da mão: para cima e para baixo, para dentro e para fora, para os lados, como no exemplo a seguir:



(QUADROS, KARNOPP, 2004, p.59)

A orientação da mão é de grande relevância, pois a oposição desta pode mudar o significado do sinal e conseqüentemente alterar o sentido do contexto.



As expressões não manuais, ou faciais e corporais, são realizadas no momento em que há articulação dos sinais, podendo ser movimentos do corpo, da face, da cabeça e até mesmo dos olhos. As expressões são de extrema importância pois através delas que formam-se os tipos de termos gramaticais e entonação emocional. Quadros e Pimenta (2006) explicam que existem dois tipos diferentes de expressões faciais: as afetivas e as gramaticais (lexicais e sentenciais). As afetivas são as expressões ligadas a sentimentos / emoções.



Significado do sinal: triste, tristeza.



Significado do sinal: exemplo, exemplificar.

Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

Ao analisarmos a imagem dos exemplos, podemos perceber que ao realizar o sinal triste o sinalizador conta com a expressão da face triste, já o outro está tranquilo numa



expressão neutra. A combinação desses parâmetros é que se obtém os sinais na Libras, assim como afirma Brito, combinar esses elementos formam as palavras, frases e constituem contexto, comunicando então através dos sinais.

Quadros e cruz (2011) aponta que na Libras existe, duas classes verbais, “aquela que apresenta concordância, como dar, dizer, ajudar, perguntar, e a outra que não incorpora os pontos espaciais, ou seja, não apresenta concordância. Esses verbos são chamados verbos simples, como gostar, pensar, conhecer, saber.” (QUADROS; CRUZ, 2011, p.20).

Após toda essa exposição, podemos concluir que os parâmetros nas línguas de sinais são os elementos de constituição lexical dos sinais. Cada um se faz importante para o significado e contextualização da sinalização.

Abordagem comunicativa, segundo Timbane (2015) se interessa pelo ensino de língua através de atividades e situações concretas do dia a dia do aluno. É um método que traz para sala de aulas situações, diálogos, documentos autênticos e outros materiais reais da vida em sociedade. O objetivo é preparar o aprendente para que possa se comunicar de forma plena fora do espaço escolar com maior competência. Os documentos autênticos é todo material escrito, multimedia ou audiovisual que não foi concebido para ser usado na aula de língua, ou melhor, seria todo material que trazido para fins pedagógicos, mas que não foi fabricado/criado previamente para fins pedagógicos (TIMBANE, 2015). Veremos mais adiante algumas propostas de trabalho com abordagem comunicativa em sala de Libras.

#### **4. Reflexões acerca das metodologia(s) de ensino de Libras como L2**

Com a legalização da Libras nos cursos de Ensino Superior, a formação de profissionais para atender a demanda da disciplina, aumentaram significativamente. O problema é que essa disciplina tem uma carga horária pequena e os docentes responsáveis a ministrar a aula não possuem uma metodologia específica e conteúdos padronizados, levando ao questionamento de como e o que se deve ser ensinado? Neves (2011), traz uma breve discussão sobre o assunto:

As aulas de LIBRAS propriamente – ensino da língua – variam muito de acordo com o professor, mas em geral, seguem-se metodologias de ensino que são próprias para o ensino de línguas orais e não para línguas sinalizadas especificamente. Para que cursos de LIBRAS não sejam só oferecidos a fim de cumprir a lei, é necessário não apenas



---

rediscutir o processo de formação do professor/ instrutor surdo, mas também refletir sobre as metodologias de ensino da LIBRAS. (NEVES, 2011 p.4).

O professor é o contato direto que os alunos têm na mediação do conhecimento, para motivar o ensino da língua em ensino, o professor precisa ter uma boa interação com o seu grupo de alunos, buscando metodologias que atinjam de forma interessante e agradável. A Libras é a L1 do Surdo, isso para o professor é um desafio para pensar em práticas e metodologias que atinjam de maneira significativa o aluno.

Metodologia de ensino de línguas, partindo de Gesser (2010) são ligações de princípios norteadores das práticas pedagógicas inseridas no ensino aprendizagem das mesmas. Então, entende-se que o objeto de ensino, a forma de ensinar e o modo como se aprende é a metodologia norteadora do ensino de línguas. Ao passar dos anos na história da metodologia de ensino de línguas orais, diferentes métodos de ensino foram desenvolvidos, de acordo com Gesser (2010).

Vamos brevemente falar sobre três métodos de ensino de línguas orais, a) **método gramática-tradução**, b) **método audiolingual** e c) **método comunicativo**.

O **método gramática-tradução** consiste em aprender a gramática de uma língua e posteriormente ser exposto a textos clássicos e literários, tendo como objetivo entender e saber ler textos e não de fato aprender se comunicar por ela. A autora reforça nessa metodologia o ensino de regras gramaticais e vocabulário da língua em estudo, onde o aluno é um passivo, receptor de informações. Sendo mínima a socialização com o professor, que nessa modalidade é um autoritário, centrando o conhecimento só nele.

O **método audiolingual** em oposição à gramática-tradução, foca o método de ensino na fala e compreensão. Podemos enfatizar a visão comportamentalista, onde Gesser (2010) destaca esse detalhe pela recorrência de atividades baseadas na imitação, repetição e memorização. A autora ainda menciona que esse método o professor é um treinador esperando eu os alunos produzam respostas certas.

No **método comunicativo**, foca no material didático, elevando a função comunicativa e não a parte gramatical. Gesser (2010), mostra que uma peculiaridade desse método é que, contrário a abordagem estrutural, as atividades abrangem ou primam pela comunicação real. Sendo assim, não se ensinam palavras e frases sem contextualização. Dando significância ao ensino da língua em estudo aos alunos.



Ao ressaltar essas metodologias de ensino de línguas orais, percebemos que elas não são de encontro para o ensino das línguas de sinais como L2 para alunos ouvintes. Pois, como citado anteriormente não contamos com grande número de materiais didáticos que apoiam o professor dessa disciplina em seu processo ensino aprendizagem. O uso de imagens se faz necessário para uma melhor compreensão das configurações dos sinais, justamente por ser uma língua de modalidade visual.

No início do ensino de língua de sinais, era utilizado o método gramática-tradução para ensinar a ASL – Língua de Sinais Americana, asseguram Wilcox e Wilcox (2005), que ainda mencionam que os professores da época faziam uso do inglês como um instrumento, já que nesse método não se utiliza a língua para comunicação. Por isso o uso de palavras soltas e descontextualizadas. Fizeram menções ao uso do método audiolingual, onde havia a repetição de padrões.

No Brasil, ainda estamos engatinhando quando se trata de discussões sobre metodologias de ensino da Libras, afirma Gesser (2009), onde dá destaque ao pioneiro Felipe (1993) com a obra “Metodologia do ensino da Libras para ouvintes” contendo algumas orientações de metodologias de ensino dessa língua. Embora seja uma excelente obra, não possui uma alusão a qualquer ancore teórico, reconhecendo assim as orientações contidas nele como princípios norteadores da abordagem comunicativa. Poder-se perceber na fala reportada abaixo de Felipe (2001, p.15)

Desperte em seus alunos a segurança em si mesmos, reduzindo ao máximo as correções quando eles estiverem tentando se comunicar; Não faça o aluno repetir suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisara usar um sinal ou uma frase. A tarefa do instrutor de língua é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo para poder se comunicar.

É perceptível nessa fala da autora, uma certa preocupação com o desenvolvimento comunicacional na língua em estudo, por motivos da minimização de intervenções repreensivas do professor, como situações comunicativas criadas pelo mesmo para utilizar na aprendizagem dos sinais. A realidade da educação de surdos ainda é algo a ser discutido e melhor aprofundado. Por essa razão, o numero de pesquisas sobre a metodologia do ensino de Libras tende a aumentar. É inegável a importância da utilização de metodologias adequadas em sala de aula que beneficiem os alunos Surdos que estão inclusos, sendo o professor responsável por incentivar e mediar à construção do conhecimento através da interação com o aluno Surdo e seus colegas (LACERDA, 2006).



Nos dias atuais, o bilinguismo está sendo empregado no Brasil como o método mais adequado para o desenvolvimento educacional dos Surdos no contexto “inclusivo”. Porém, mais do que ter o aluno Surdo inserido em sala com o aluno ouvinte, e mais do que ter a presença de um intérprete, é fundamental que os envolvidos nesta educação respeitem a língua de sinais e a cultura surda, fomentem o encontro desta com as demais culturas. Diante das dificuldades na implantação de uma metodologia de educação pelos professores para o ensino de língua de sinais verificadas neste trabalho, é possível concluir que possuem dificuldades e possibilidades como a falta de investimentos por parte do governo em cursos e na capacitação dos professores, desconhecimento de como elaborar trabalhos em grupo, dificuldades da elaboração desses trabalhos no período noturno e verificou-se que existe uma adaptação na realização de textos, para que o aluno Surdo possa produzir de acordo com seus conhecimentos.

A abordagem comunicativa discutida pode ser aplicada no ensino da Libras. Espera-se que os docentes preparem exercícios práticos que ligam a cultura surda da cultura oral, mas também da cultura surda para a cultura surda. É que existem situações comunicativas da cultura oral que não fazem sentido para a cultura surda e vice-versa. É preciso treinar o raciocínio do aluno surdo a pensar através da sua língua materna, a Libras. As traduções devem ser exceções pois ficam mais melhor aprender uma língua através da mesma língua. Aprender uma língua através dela se dá o nome de ensino da língua materna. A cultura surda deve ser trazida em sala de aula. Por exemplo, o professor deve trazer diálogos, conversas, debates e situações de comunicação próprias da comunidade surda. Isso evitará fabricar situações de comunicações, fabricar gestos característicos da comunidade ouvinte.

### **Considerações Finais**

A educação formal no decorrer dos anos passou por mudanças significativas que desencadeou várias mudanças, o professor passou de detentor do saber a ter uma função de mediador do conhecimento, traçando metodologias para atingir o objetivo de passar o conhecimento. Tratamos aqui do professor da disciplina de Libras.

O professor de Libras não possui uma metodologia única para atingir o saber do seu aluno, precisará buscar formas criativas para auxiliar suas aulas. Como exposto no trabalho não possui muito material para ser utilizado por eles, assim abrindo chance para pesquisas e confecção de materiais para o ensino de Libras.



Visando a implantação da disciplina de Libras nos cursos de Ensino Superior, acredita-se que haverá maior propagação da língua, conseqüentemente assim, possibilitando mais estudos em relação ao ensino e estudo da Libras. O modelo de educação bilíngüe visa que o aluno surdo possa ter um desenvolvimento cognitivo-lingüístico equivalente ao do aluno ouvinte, com acesso às duas línguas: a língua brasileira de sinais e a língua majoritária utilizada na comunidade em que está inserida na modalidade escrita.

Por serem recentes os estudos e aplicações de metodologias de ensino de línguas orais, não podemos afirmar que há um método engessado e único para o ensino das línguas de sinais. Estudos ainda estão em andamento e esperamos em um futuro próximo podermos contar com mais pesquisas e obras que auxiliem os novos profissionais em formação que serão os futuros professores de Libras, assim como ajudar os professores já existentes a aprimorarem suas metodologias e práticas.

A pesquisa ainda não está finalizada, mas é perceptível que a metodologia utilizada pelo professor é de fundamental importância para a boa compreensão dos alunos. Além de auxiliar na interação entre duas comunidades valorizando a língua aprendida.

## Referências

- ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p.125-149, 2012.
- BRASIL.Lei 10436 de 24 de abril de 2012
- BRASIL. Decreto n.5626 de 22 de dezembro de 2005
- CAPOVILLA, Fernando. Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira**. v. 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CELANI, Maria Antonieta. Questões de ética na pesquisa em Lingüística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 1, p. 101-122, Pelotas, jan./jun. 2005.
- FELIPE, Tanya Amara. **Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes**. Rio de Janeiro: FENEIS, 1993.
- FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **LIBRAS em Contexto**, Livro do Professor/instrutor - Curso Básico - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília. MEC - SEE. 2001
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel,1993.



- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da realidade surda e da língua de sinais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em LIBRAS como L2**. Florianópolis: Ed.UFSC, 2010.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**, 1998.
- NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. 2011. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2011.
- PEIXOTO, Renato Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.26, n.69, p. 205-229, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Rebelo. **Línguas de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- \_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- RAMOS, Clélia Ramos. Libras como segunda língua para ouvintes: uma proposta de inclusão. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, v. 4, p. 01-02, 2009.
- ROSA, Andre da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Campinas, SP: Ed. Arara Azul, 2005.
- SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2004.
- SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) linguística(s) e questões de poder. **Alfa**, São Paulo, 57 (2): 451-473, 2013.
- SILVA, Rosilene Ribeiro. **A educação do surdo: minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de Ensino de Campinas**. 2003. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.



SOUZA BASSO, Idavania Maria De; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara.

**Metodologia de ensino de libras – L1.** Florianópolis: Ed.UFSC, 2010

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Contingentia**, v.1, p.1-10, 2006.

STROBELL, Karin. **História da Educação dos Surdos.** Florianópolis: Florianópolis, 2009.

TIMBANE, Alexandre António. A importância da fotografia no ensino do francês em Moçambique. **Entretextos** - Revista científica do PPG em Estudos da Linguagem.v.5, n.2, p.245-268. Londrina, jul. - dez. 2015.

TIMBANE, Alexandre António. (Des)caminhos do ensino técnico e a complexidade do ensino em português em Moçambique. In: LIMA, Bruno de Assis Freire de. (Org.). **O ensino de Língua Portuguesa na Escola Técnica: perspectivas e desafios.** 1.ed. Rio de Janeiro: Dicio, 2016, p.49-119.

VIGOTSKII, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na vida escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexandrre Romanovich; LEONTIEV, Alexis N.(Org.) **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 12ed. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Icone, 2012. p.103-118.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. **Aprender a ver.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005. (Coleção Cultura e diversidade).